

KNUT HAMSUN

Prémio Nobel de Literatura

sob a estrela
do outono



cavalo de ferro

I

Ontem, o mar exhibia-se numa superfície tersa como a de um espelho, e hoje também. É um verdadeiro Verão de São Martinho, e está calor na ilha — ah, como está quente e agradável! —, mas não faz sol.

Há muitos anos que não experienciava tamanho sossego. Talvez não me sentisse tão tranquilo há vinte ou trinta anos; quiçá só me tenha sentido assim numa vida passada. No entanto, penso que já terei saboreado uma paz semelhante, porque cantarolo enquanto caminho, felicíssimo e pleno de afecto por cada pedra e folha de erva com que deparo, e elas parecem corresponder na mesma medida. Já nos conhecemos de longa data.

Quando desço pela vereda coberta de ervas que atravessa a floresta, o coração palpita-me ao ritmo de uma alegria paradisíaca. Lembro-me de um certo local na costa oriental do mar Cáspio que visitei em dada ocasião. Foi lá que vi um mar sereno, pesado e plúmbeo como o que agora tenho diante de mim. Ao embrenhar-me na floresta, fui tomado por uma forte emoção que me deixou à beira das lágrimas. Durante todo o percurso, disse para comigo: «Deus do Céu seja louvado por cá poder voltar!»

Como se já antes tivesse estado ali.

Mas é bem possível que já ali tivesse estado, de facto, vindo de um outro tempo e de uma outra terra onde a floresta e os caminhos eram os mesmos. Nessa época, talvez fosse uma flor no bosque, ou porventura um escaravelho que tivesse a sua toca numa acácia.

E agora eis-me aqui. Talvez tenha sido, ao invés, um pássaro e voado toda esta distância. Ou o caroço de um fruto expedido por um comerciante persa...

Reparem, agora estou bem longe do bulício, da azáfama, dos jornais e das pessoas da cidade, sim, fugi de tudo isso porque senti novamente o chamamento do campo e da solidão das minhas origens. «Vais ver que desta vez tudo corre bem!», digo entredentes, animado por uma grande esperança. Bem, verdade seja dita que já antes fugi da cidade, e para lá voltei. Porém, aqui estou: fugi de novo.

No entanto, desta feita estou determinado a conquistar a paz, seja a que preço for. Para já, arrendei um quarto numa casinha das redondezas, e tenho a velha Gunhild como senhoria.

Por entre os pinheiros há, aqui e acolá, sorveiras com bagas maduras, de um matiz coralino, que caem em cachos pesados e se amontoam no chão. São, portanto, frutos que se colhem e semeiam a si próprios, numa abundância inacreditável que se desperdiça todos os anos; conto, numa única árvore, mais de trezentos cachos de sorvas. E a toda a volta há ainda ramos cobertos de flores que, obstinadas, resistem à morte, embora a sua hora há muito tenha passado.

Mas a velha Gunhild também já deve alguns anos à terra, e vejam lá se ela morre! Comporta-se, isso sim, como

se a morte não a pudesse ceifar. Quando os pescadores pintam os seus barcos ou remendam redes na praia, a Gunhild vai lá abaixo e interpela-os de olhos fechados, mas com um espírito comercial apuradíssimo.

– Hoje a quanto está a cavala? – pergunta ela.

– Está ao mesmo preço que ontem – respondem.

– Então podem ficar com ela.

E a Gunhild volta para casa.

Contudo, os pescadores sabem que a Gunhild não é daquelas pessoas que fingem apenas que se vão embora, e o certo é que muitas vezes percorre todo o caminho até casa sem se virar uma única vez para trás. «Ei!», gritam-lhe eles, e dizem-lhe que lhe podem vender sete cavalas pelo preço de meia dúzia, por ser uma cliente antiga.

E a Gunhild lá compra o peixe...

Nos estendais estão pendurados casacos vermelhos, camisas azuis, e roupa interior de uma grossura ridícula; todas estas peças são feitas na ilha pelas velhotas que ainda não morreram. Porém, nas cordas estão também a secar peças mais requintadas, como blusas finas sem mangas, ótimas para quem quer morrer gelado e com uma bela tez azul, e também camisolas interiores de lã roxas que não são mais grossas do que um cordel. Como vieram estas aberrações aqui parar? Ora bem, as velhotas têm filhas – as jovens dos nossos dias –, que trabalharam como criadas na cidade, de onde decerto trouxeram esta roupa. Lavando-as com cuidado e pouca frequência, são peças para durar um mês. E, vestindo-as, uma pessoa tem uma sensação deliciosa de nudez quando os buracos começam a alargar.

Mas não há dessas parvoíces com os sapatos da velha Gunhild. De vez em quando, a intervalos adequados, dirige-se a um pescador da sua idade e com um modo de pensar semelhante e pede-lhe que unte as linguetas, as gáspeas e as solas dos sapatos com uma pomada forte e espessa que impermeabiliza completamente o calçado. Já vi como cozem a referida pomada na praia: trata-se de uma mistela que contém sebo, alcatrão e resina.

Ontem, enquanto passeava pela praia e contemplava os muitos fragmentos de madeira, conchas e pedras que dão à costa, encontrei na areia um pedacinho de vidro translúcido. Não faço ideia de como terá ido ali parar, mas parece-me um erro, uma ruptura da realidade, como se visse uma mentira ganhar forma diante de mim. Não é crível que um pescador, ali chegado à força de remadas, o depositasse na areia e partisse de novo para o mar! Deixei-o onde estava; era um fragmento de vidro grosso, vulgar, simples, talvez proveniente da janela de um eléctrico. Outrora, o vidro era raro e verde-garrafa... Deus abençoe os velhos tempos, quando ainda existiam coisas raras!

O fumo ergue-se agora das cabanas dos pescadores no extremo meridional da ilha. Começa a anoitecer, as papas de aveia já estão prontas. Quando acabam de jantar, as pessoas decentes vão para a cama, para se levantarem ao romper da alvorada. Só jovens imberbes ou pessoas insensatas deambulam de casa em casa para matar o tempo sem terem noção de que melhor fariam em se deitar.

II

Hoje de manhã, veio cá um homem para pintar a casa. Mas a velha Gunhild está tão decrépita e sofre tanto de reumatismo que convenceu o homem a cortar-lhe lenha que chegue para acender o fogão por uns dias. Já me ofereci várias vezes para rachar lenha, contudo ela parece considerar a minha roupa demasiado requintada para tal tarefa, e nunca me quis confiar o machado.

O tal pintor é um homem baixo e ruivo, sem barba. Enquanto racha a lenha, observo-o pela janela, para ver como maneja o machado. Depois, apercebo-me de que está a falar sozinho e esgueiro-me até lá fora para escutar o que diz. Quando dá um golpe em falso, aceita-o com paciência e não faz caso. No entanto, quando se magoa nos dedos, enfurece-se e diz «Diabo, com a breca! Ah, que isto é coisa do diabo!», e em seguida olha, de repente, em volta e começa a cantarolar para disfarçar as imprecações que acabou de soltar.

Sim, reconheço o pintor. Mas não é pintor nenhum: é o Grindhusen, com quem trabalhei na construção de algumas estradas em Skreia.

Aproximo-me dele, apresento-me e entabulo conversa. Trabalhei com o Grindhusem nas tais estradas há muitos, muitos anos. Éramos os dois jovens e inocentes, e dançávamos ao longo das estradas com sapatos miseráveis, e comíamos o que conseguíamos encontrar quando tínhamos algum dinheiro no bolso. De resto, sempre que nos víamos com algum dinheiro a mais, passávamos a noite de sábado a dançar com as raparigas. Muitos dos nossos colegas de trabalho acompanhavam-nos, e comprávamos café à dona do salão de dança, que deve ter enriquecido à conta disso. Depois, trabalhávamos com empenho toda a semana, ansiosos pela chegada do sábado. Na altura, o Grindhusem era como um lobo ruivo à caça das raparigas.

Lembrar-se-ia ele dos nossos tempos em Skreia?

Sopresa-me com o olhar e mostra-se reservado, e demoro algum tempo a fazê-lo recordar as nossas aventuras.

Sim, lembra-se bem de Skreia.

– Lembras-te do Anders Fila e do *Spiralen*? E da Petra?

– Quem? Qual delas?

– A Petra! Ela não era tua namorada?

– Ah, sim, lembro-me dela. Acabámos por nos casar.

O Grindhusem recomeça a rachar lenha.

– Então casaste com ela?

– Casei, pois. Teve de ser, não é? Mas espera lá... O que é que eu te queria dizer... Enriqueceste?

– Porque perguntas isso? Por causa da roupa? Tu não tens roupa domingueira, daquela boa para ir à missa?

– Quanto pagaste pela tua?

– Não me lembro, mas não há-de ter sido muito. Olha, não sei dizer ao certo.

O Grindhusen olha para mim estupefacto e começa a rir-se.

– Não te lembras de quanto pagaste por essa roupa? – troça, e logo adquire uma expressão séria, abana a cabeça e diz: – Pois, acredito que não te lembres. É o que acontece quando se tem muito dinheiro.

A velha Gunhild sai de casa e, quando nos vê a conversar e a desperdiçar tempo precioso junto ao cepo de rachar lenha, ordena ao Grindhusen que comece de imediato com as pinturas.

– Então agora és pintor? – pergunto.

O Grindhusen não me responde, e apercebo-me de que fui parvo o suficiente para perguntar o que não devia diante de terceiros.

III

Durante algumas horas, tapa buracos com massa e passa o pincel pelas paredes, e em breve a casinha fica pintada de vermelho e bem bonita no lado setentrional, voltado para o mar. Na pausa para almoço, vou ter com o Grindhusen e ofereço-lhe de beber. Conversamos e fumamos deitados no chão.

– Se agora sou pintor? Não sou grande pintor, lá isso não – diz ele. – Mas se me perguntam se posso pintar a parede de uma casa, digo que sim. E se alguém me perguntar se posso isto ou aquilo, também respondo que sim. Olha, tens aqui um bagaço de primeira.

A mulher e os dois filhos do Grindhusen moravam a cerca de dez quilómetros dali, e ele regressava a casa todos os sábados. As suas duas filhas já eram adultas, uma delas casada, e o Grindhusen já era avô. Quando terminasse de dar uma segunda demão à casa da Gunhild, iria abrir um poço no presbitério. Havia sempre algo que fazer naquelas aldeias. E quando o Inverno chegava e uma película de gelo recobria a terra, cortava árvores na floresta ou aproveitava para descansar um pouco enquanto esperava que lhe aparecesse um trabalho qualquer. Já não tinha uma grande

família a seu cargo, e amanhã decerto não lhe faltaria, tal como hoje, com que se ocupar.

– Se pudesse, já teria comprado ferramentas de pedreiro – disse o Grindhusen. – Mas não tenho guita.

– Então também és pedreiro?

– Bem, não sou lá grande pedreiro, não. Mas quando tiver aberto o poço, vai ser preciso murá-lo, como é óbvio...

Deambulo, como é habitual, pela ilha e penso em várias coisas. Paz, paz! Cada árvore da floresta me transmite, em silêncio, uma paz celestial. E agora, vejam bem, a maioria dos passarinhos já desapareceu, só se vêem alguns corvos que voam, mudos, de um lado para o outro, até pousarem em ramos. E os cachos de bagas caem das sorveiras com pesados baques, enterrando-se no musgo.

O Grindhusen talvez tenha razão, é provável que o dia de amanhã traga, como hoje, algo com que nos ocuparmos. Já não leio os jornais há duas semanas e, no entanto, continuo vivo, estou de plena saúde, e faço grandes desenvolvimentos no que concerne à minha paz interior; canto, pavoneio-me pela ilha e à noite contemplo as estrelas de cabeça descoberta.

Passei os últimos dezoito anos sentado em cafés, onde chamava o empregado de mesa sempre que deparava com um garfo sujo, mas aqui nunca peço à Gunhild que me troque o garfo! «E agora temos cá o Grindhusen», digo para comigo quando ele acende o cachimbo. Deixa arder o fósforo até ao fim, mas não queima os dedos calejados. Vi uma mosca passear-se-lhe pela mão, mas ele nada fez para a enxotar,

e talvez nem a tenha sentido. É assim que um homem se deve comportar com as moscas...

À noite, o Grindhusen mete-se no barco e começa a remar. Vagueio pela praia, canto um pouco, atiro pedras à água e transporto conchas e seixos para a areia. A Lua e as estrelas brilham no céu. Algumas horas depois, o Grindhusen regressa com várias ferramentas de pedreiro no barco. Deduzo que as tenha ido roubar a algum lado. Pomos as ferramentas aos ombros e escondemo-las na floresta.

Anoitece e despedimo-nos um do outro.

No dia seguinte, à tarde, o Grindhusen acaba de pintar a casa, mas aceita rachar lenha até às seis horas para assim cobrar a jorna na íntegra. Meto-me no barco da Gunhild e vou pescar, para não estar presente quando ele se for embora. Não apanho nada, mas apanho bastante frio e olho amiúde para o relógio. «Ele já se deve ter ido embora», digo para comigo, e remo em direcção a casa por volta das sete. O Grindhusen já atravessou rumo ao continente e grita-me um adeus.

Senti um tremor reconfortante ao ouvir esta despedida, foi como se alguém me chamasse da minha juventude, de Skreia. De uma outra vida.

Remo na sua direcção e digo:

– Consegues abrir o poço sozinho?

– Não, tenho de levar comigo outro homem.

– Então leva-me a mim! – disse eu. – Espera aqui um bocadinho, vou só voltar atrás para acertar as contas com a velhota.

Quando estava a meio da travessia, o Grindhusen grita-me:

– Bem, isto assim não dá, já está a ficar demasiado tarde para mim. E também não estavas a falar a sério, pois não?

– Espera só uns minutinhos. Vou ali e já venho.

E o Grindhusen senta-se na areia. Recorda-se certamente de que ainda me resta algum do tal bagaço de primeira.

IV

Chegámos ao presbitério num sábado. Após muita hesitação, o Grindhusen acabou por me aceitar como seu ajudante. Eu comprara provisões e roupa de trabalho e já me encontrava no meu posto, bem apumado com camisa e botas novas. Era livre e desconhecido por ali, e fiz questão de aprender a caminhar com passos longos e indolentes, para melhor entrar no papel que me cabia desempenhar. De resto, já tinha rosto e mãos de proletário. Ficaríamos alojados no presbitério e estávamos autorizados a cozinhar num anexo equipado com forno a lenha.

Começámos a perfurar o terreno.

Fiz o que me competia e o Grindhusen mostrou-se satisfeitiíssimo com a minha prestação.

— Ora, afinal não vai custar nada trabalhar contigo — disse ele.

Algum tempo depois, o pastor foi ter connosco para nos cumprimentar. Era um homem de idade, afável, que falava pausadamente e tinha em redor dos olhos uma infinidade de rugas que pareciam vestígios de mil sorrisos benevolentes. Pediu-nos desculpa por nos interromper, mas todos os anos tinham

problemas com as galinhas, que, de uma maneira ou de outra, conseguiam entrar no jardim: não podíamos deixar o poço de lado por uns instantes e começar por dar uma vista de olhos ao muro do jardim, que devia estar danificado algures?

O Grindhusen respondeu que sim, que trataríamos disso o quanto antes.

Deixámos os trabalhos de perfuração em suspenso e tratámos de reparar o muro caído. Enquanto o fazíamos, uma jovem aproximou-se de nós para nos observar. Cumprimos-a, e achei-a uma rapariga encantadora. Recebemos também a visita de um adolescente, que foi até lá ver-nos trabalhar e nos fez muitas perguntas. Aqueles dois eram, sem dúvida, irmãos. O trabalho correu-nos bem e com ligeireza enquanto os jovens nos observavam.

Depois, anoiteceu. O Grindhusen foi para casa, mas eu permaneci no presbitério. Pernoitei no celeiro.

No dia seguinte era domingo. Não ousei vestir a minha roupa da cidade, pois talvez parecesse demasiado requintada para mim, um mero pedreiro, mas limpei o melhor que pude a roupa que usara na véspera e deambulei pelo presbitério sob o sol ameno de domingo. Conversei com os criados e, como eles, provoquei duas das criadas com chistes. Quando o sino da igreja começou a tocar, pedi um hinário emprestado, e o próprio filho do pastor levou-me um. Um dos criados mais altos e espadaúdos emprestou-me um casaco, que na verdade era demasiado curto para mim, mas que me assentou bastante bem quando despi a camisa e o colete. E foi assim que me dirigi à igreja.

A calma interior que eu cultivara durante a minha estada na ilha provou não ser tão firme quanto supunha: quando começaram a tocar órgão, perdi a compostura e estive à beira das lágrimas. «Fecha a matraca, isto é só a tua neurastenia!», disse para comigo. Por sorte, sentara-me bastante afastado dos outros paroquianos e escondi o mais possível a minha emoção. Fiquei contente quando a missa terminou.

Depois de preparar e comer o meu almoço, convidaram-me a tomar café na cozinha. Enquanto estava lá sentado, a jovem que vira na véspera entrou na cozinha; levantei-me, cumprimentei-a, e ela respondeu à saudação. Era muito bonita, porque era jovem, e tinha umas mãos formosas. Quando me levantei para me ir embora, perdi a noção do meu lugar e disse:

– Muito obrigado pela sua amabilidade, bela senhora!

Fitou-me surpreendida, franziu o cenho, e as suas faces enrubesceram. Em seguida, ergueu altivamente a cabeça e saiu da cozinha. Era tão jovem...

Bem, já a arranjava bonita!

Triste, escapuli-me até à floresta, para aí me esconder. Na minha tolice, fora sem dúvida impertinente. Ter-me-ia bastado calar a boca para evitar uma situação tão penosa! Eu e os meus comentários ridículos!

Os edifícios do presbitério encontravam-se na encosta de uma pequena colina, em cujo cume o terreno, prolongando-se, se alargava numa planície que alternava bosque com clareiras. Ocorreu-me que se devia, na verdade, abrir o poço lá no alto e conceber um sistema de canalização que transportasse a água até aos edifícios. Calculo a altura da colina

a olho e convenço-me de que o declive é suficiente para pôr a minha ideia em prática. Quando regresso a casa, meço, com passadas, a distância aproximada do cume ao presbitério: duzentos e cinquenta pés.

Mas, afinal, que tinha eu que ver com o poço? Não caíamos de repente no mesmo erro de ofender as outras pessoas colocando-nos acima da nossa condição com opiniões que ninguém nos pediu!

Fugido da «azáfama, dos jornais e das pessoas da cidade», o protagonista deste romance, ao qual Hamsun empresta o seu próprio nome, Knut Pedersen, refugia-se no campo em busca da verdadeira vida, determinado a conquistar aí a calma e a paz interior. Senhor de si mesmo, vagueia de quinta em quinta, despoja-se da sua roupa elegante para desempenhar o ofício de pedreiro ou lenhador, dá asas à sua veia de inventor, enamora-se de uma mulher casada — um amor proibido que levará este vagabundo idealista de volta ao ponto de partida: um regresso à paixão, ao sofrimento e à cidade.

Magicamente impregnado com a luz e o cheiro do Outono, este célebre romance do Prémio Nobel Knut Hamsun foi publicado em 1906 e, como o próprio o reconheceu, marca uma nova fase na sua escrita, acrescentando ao sentimento trágico, misterioso e irracional da existência patente nas suas anteriores obras um tom lírico, de exaltação do instinto e da liberdade do homem na comunhão com a Natureza.

«Hamsun é o maior escritor de todos os tempos.»




THOMAS MANN

«Hamsun ensinou-me a escrever.»

ERNEST HEMINGWAY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

